

Algumas mudanças técnicas na abordagem psicoterápica a pacientes com AIDS — <i>Gisela Cardoso Câmara</i>	102
A preparação do psicólogo para o trabalho com pacientes com AIDS — <i>Sidnei José Cazeto e Maria Cecília Roth</i>	109

SEXO MAIS SEGURO

Sexo Seguro — <i>Veriano Terto Jr.</i>	115
Roteiro preliminar de oficina de sexo seguro para mulheres — <i>Telma R. Cavaleiro e Eugênia C. Raizer</i>	125
Prevenção da AIDS em trabalho de orientação sexual na escola — <i>Yara Sayão e Maria Cecília Pereira da Silva</i>	133
Sexualidade e informação: recado dos adolescentes paraibanos — <i>Angela Arruda</i>	139

AS MULHERES E A AIDS

O comunicante, a comunicada: a transmissão sexual do HIV — <i>Carmen Dora Guimarães</i>	147
Mulher, sexualidade e sexo seguro — <i>Alma Aldana</i>	158
Mulheres e a prevenção da AIDS — <i>Denise Martin, Regina Maria Barbosa e Wilza Vieira Villela</i>	166

AIDS E OS USUÁRIOS DE DROGAS

A prevenção da AIDS entre os usuários de drogas injetáveis — <i>Edward Mac Rae</i>	177
Drogas injetáveis e AIDS — <i>Fábio Mesquita</i>	187

EXPERIÊNCIAS DE BASE COMUNITÁRIA

Prostitutas: de transmissoras a educadoras — <i>Celia Szterenfeld</i>	193
Resposta ao HIV/AIDS: Grupo Pela VIDDA — <i>José Stalin Pedrosa e Peter Aggleton</i>	202
AIDS e ONGs: diversidade, desafios e dilemas — <i>Julio Dias Gaspar</i>	207

Apresentação

EM TEMPOS DE AIDS: VIVA A VIDA

Vera Paiva
Luiza Alonso*

Levamos muitos anos para entender o que era essa epidemia e para aprender a viver com a AIDS. Nos últimos dez anos, a humanidade, num misto de incredulidade, pasmo e medo, mesclados com atitudes e comportamentos que denunciavam os mais variados preconceitos, vem convivendo com a AIDS. Muitos se surpreenderam com a existência de uma doença infecto-contagiosa fatal num momento da civilização em que se acreditava nas vacinas ou em remédios eficazes. Outros enxergaram na AIDS motivos para reafirmar suas crenças calcadas em mitos e medos ancestrais.

Só agora, passados mais de dez anos do aparecimento da epidemia, estamos conseguindo neutralizar o efeito pernicioso dos primeiros trabalhos científicos que deram margem à idéia de que a AIDS era uma doença de “grupos de risco”, divididos em “vítimas” (hemofílicos) e “promíscuos” (homossexuais, prostitutas e viciados em drogas).

Este livro é uma tentativa de contribuir para uma nova visão da AIDS, num momento crítico para a expansão descontrolada do HIV, ou, quem sabe, para uma intervenção mais eficaz que previna novas infecções e melhore a qualidade de vida dos doentes.

Durante dez anos, idéias distorcidas sobre a doença foram alicerçadas. Falava-se muito mais do “doente” do que da doença. A curiosidade se deslocava para os “aidéticos”, identificados como parte de um grupo de seres humanos “diferentes”, “anormais”, que fogem dos códigos coletivos, que estabelecem padrões próprios de busca do prazer ou vivem for-

* Psicoterapeutas, pesquisadoras e professoras do Departamento de Psicologia Social da USP.

Como disse o professor Angelo Piovesam (ECA-USP) nas conclusões do *workshop* que coordenou no I Encontro: AIDS — Repercussões Psicossociais, que analisou as campanhas de AIDS no Brasil:

“Num país de múltiplas e simultâneas realidades como o Brasil, é preciso abordar o assunto de maneira diversificada. Campanhas de AIDS pela TV devem pressupor a necessidade da regularidade na veiculação da informação sobre o tema, devendo investir, estrategicamente, na manutenção e acumulação da informação. Campanhas de AIDS pela TV devem ser orientadas aos diversos segmentos da população, ou seja, aos vários públicos-alvo, considerando o nível de conhecimento, crenças e modos de vida das pessoas; não se deve esquecer os profissionais de saúde como público específico. As campanhas de AIDS devem: conter sempre informações corretas; evitar o preconceito e a discriminação e combatê-los abertamente; evitar a instalação do terror e do medo junto à população; passar uma mensagem positiva, de esperança e de respeito à vida tanto aos doentes, portadores assintomáticos, familiares e amigos, como às pessoas, já em número bastante elevado, que nem sabem que são portadoras do vírus; esclarecer que a AIDS não é um problema só do ‘outro’, mas que pode atingir a todos, independente do grupo específico a que cada indivíduo possa pertencer; lembrar-se também dos doentes e portadores e não dirigir-se, exclusivamente, às pessoas não contaminadas; resgatar o sentido da cidadania para cada indivíduo, sem apelar para a decretação da ‘morte em vida’ (a morte social, profissional, sexual); passar por um processo de avaliação tanto para se verificar sua efetividade antes de veiculá-las em larga escala como para orientar o planejamento de futuras ações.”

Hoje sabemos também que só a informação não muda as práticas arriscadas da grande maioria das pessoas. A informação genérica sobre a forma de transmissão do vírus (por via sexual, sangüínea e perinatal) não é suficiente. Também não é suficiente dizer como não se pega (no contato social, aperto de mão, abraço, uso comum do banheiro, copos etc.). É preciso instrumentalizar as pessoas, que não vão parar de se relacionar sexualmente, por exemplo, de como são as formas práticas e

concretas de evitar o vírus. Por isso, este livro traz artigos sobre sexo mais seguro e sobre o trabalho cotidiano de orientação sexual. Traz também dois artigos que refletem a cultura do usuário de drogas e a ineficácia das abordagens repressivas para conter a expansão da epidemia. Partimos do princípio de que todo cidadão brasileiro tem direito à informação e orientação sobre práticas seguras, sem que o Estado interfira nos direitos individuais (direitos reprodutivos, orientação religiosa ou sexual, por exemplo). Também de que se deve estimular a criação de alternativas próprias e culturalmente adaptadas de práticas seguras em relação ao risco de infecção pelo HIV.

É nesse sentido que neste livro discutimos e apresentamos várias experiências brasileiras desenvolvidas em comunidades específicas — adolescentes, mulheres, usuários de drogas endovenosas, portadores e doentes do HIV, profissionais de saúde, prostitutas. Discutimos também as várias experiências de apoio e solidariedade aos diretamente atingidos pela epidemia. O simbolismo da AIDS e sua associação com medos, preconceitos, e com a dificuldade de se proteger do HIV, perpassa todo o texto.

Este livro foi conseqüência dos debates desenvolvidos no “I Encontro: AIDS — Repercussões Psicossociais”, realizado na Universidade de São Paulo, pelo Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia e pela Equipe de Saúde Mental do Centro de Referência e Treinamento AIDS da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo. Nesse sentido, não podemos deixar de agradecer especialmente a alguns dos autores que contribuíram diretamente em sua organização: Theodoro Pluciennik, Camila Peres, Wilza Vilela, Regina Barbosa, Esdras Vasconcellos, e também a Laura Bugamelli, Sonia Garcia, Silvia Ribes e Vera Vieira, que conosco participaram da comissão organizadora. calorosamente agradecemos à dra. Maria Eugênia Lemos Fernandes, ao dr. Paulo Teixeira, ao professor dr. Rui Laurenti, e aos colegas do Instituto de Psicologia da USP pelo apoio pessoal e institucional. E, finalmente, agradecemos à Fundação MacArthur (Chicago/EUA), que patrocinou o trabalho de coordenação desta edição.